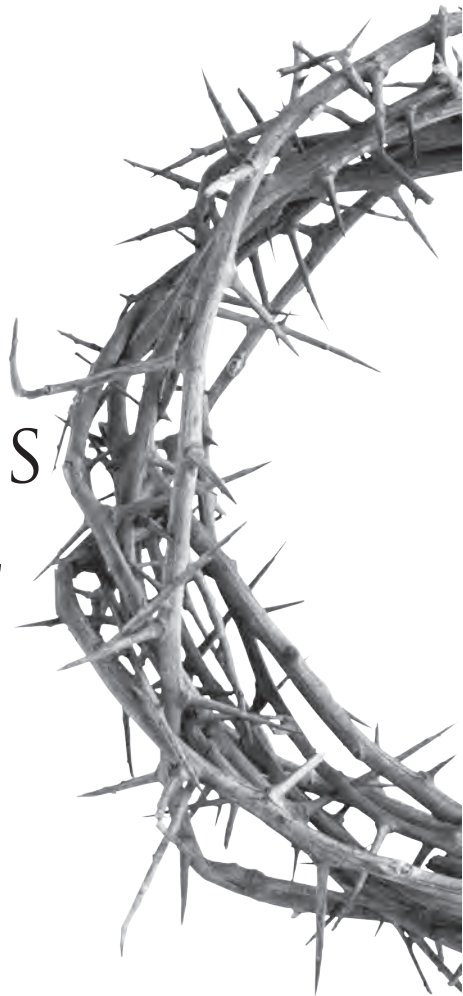


OS
ÚLTIMOS
DIAS DE
JESUS



N. T. WRIGHT
CRAIG A. EVANS

OS
ÚLTIMOS
DIAS DE
JESUS

O QUE DE FATO ACONTECEU?

TRADUZIDO POR:
VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES

ultimato 
VIÇOSA|MG

OS ÚLTIMOS DIAS DE JESUS

Categoria: Teologia / Espiritualidade / Vida Cristã

Capítulos 1 e 2 Copyright © 2009, Craig A. Evans

Capítulo 3 Copyright © 2009, Nicholas Thomas Wright

Todos os demais materiais Copyright © 2009, Westminster John Knox Press

Publicado nos Estados Unidos por Westminster John Knox Press, em 2009, com o título *Jesus, the Final Days: What Really Happened*

Publicado na Grã-Bretanha pela Society for Promoting Christian Knowledge, em 2008, com o título *Jesus, the Final Days*

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Patrícia Nunan

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia Nunes

Salvo indicação em contrário, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional. Eventualmente foram utilizados textos da Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

E92 Evans, Craig A.

Os últimos dias de Jesus : o que de fato aconteceu? / Craig A. Evans e N. T. Wright ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2020.

128 p. ; 21 cm.

Título original: *Jesus, the final days: what really happened*

ISBN 978-85-7779-200-9

1. Jesus Cristo - Crucificação. 2. Bíblia - Estudo e ensino. 3. Ensino religioso - Estudo e ensino. I. Wright, N. T. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título.

CDD 268.8

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	7
Abreviações	11
1. O grito da morte Craig A. Evans	13
2. O silêncio do sepultamento Craig A. Evans	53
3. A surpresa da ressurreição N. T. Wright	89
Índice de assuntos, nomes e lugares	125

PREFÁCIO

MUITAS VEZES, em se tratando das Escrituras e da teologia, a lacuna entre a Academia de um lado e a Igreja do outro é grande – em geral, lamentavelmente, sobremodo grande. A Academia é vista como uma instituição que trata apenas de assuntos relacionados ao pensamento, à argumentação e à reflexão intelectual – a proverbial *torre de marfim*. Em contrapartida, a Igreja é considerada o local da *práxis* ou do exercício da fé cristã, como se pode ver no culto, no evangelismo, na formação da fé e na oração.

Essa separação e essa dicotomia – embora reais na forma, como são reforçadas por algumas partes em cada uma dessas entidades – não são verdadeiras. Elas não refletem as contribuições ricas e diversas provenientes da Igreja e da Academia ao longo dos séculos, nem ecoam o modo como ambas têm sido vitais para promover e sustentar uma fé cristã ortodoxa e que crê na encarnação de Cristo.

O que é necessário nos dias de hoje é que os cristãos continuem a criar espaços nos quais possa ocorrer a edificação mútua; espaços nos quais o melhor daquilo que a Igreja e a Academia têm a oferecer possa estar presente no diálogo, no aprendizado e na missão para a glória de Deus.

Os três capítulos que compõem este breve livro tomaram forma a partir de uma série de palestras no Symposium for Church and Academy [Simpósio para a Igreja e a Academia], que aconteceu na Crichton College.

Como diretor da maior iniciativa desse simpósio, criei e desenvolvi essa série de palestras para começar a diminuir a lacuna ou separação mencionada e para estabelecer relações de cooperação entre o Departamento de Bíblia e Teologia, em Crichton, e as igrejas da região, para fins de edificação mútua e ministério em comum.

Os convidados a ministrar nessa série de palestras foram pessoas que conferiram uma excelente reputação internacional aos estudos em matéria das Escrituras ou da teologia, bem como um compromisso comprovável com a missão evangélica da Igreja cristã e sua participação nela.

Para nossa alegria, N. T. Wright (2003) e Craig A. Evans (2004) aceitaram o convite como os dois primeiros palestrantes dessa nova série. Nos anos seguintes vieram outros depois deles, como Gordon Fee, Maxie Dunnam e Dennis Hollinger.

Este livro compreende duas das palestras de Craig (uma sobre a morte de Jesus e outra sobre o sepultamento dele) e uma das palestras de Tom¹ (sobre a ressurreição de Jesus), as quais passaram por uma revisão antes de serem publicadas para um público mais amplo.

1. Apelido de Nicholas Thomas Wright, ou simplesmente N. T. Wright, como é mais conhecido. (N.T.)

Como os tópicos das palestras se concentraram na vida de Jesus, as palestras selecionadas se encaixaram perfeitamente. Além da questão sobre a vida de Jesus, os ensaios no livro também têm um foco ou intenção em comum. Ambos os autores examinaram os eventos na vida de Jesus de uma perspectiva histórica, com o objetivo de revisar as evidências pertinentes, a fim de pressupor o que de fato (ou, em alguns casos, muito provavelmente) aconteceu.

Craig e Tom, junto com a maioria dos cristãos, reconhecem que determinar o que de fato aconteceu é de vital importância para a legitimidade da fé cristã. Embora eles tenham perspectivas diferentes, a história é de vital importância para a fé. O que realmente aconteceu importa!

Por fim, na tentativa de discernir questões históricas relacionadas à morte, ao sepultamento e à ressurreição de Jesus, os capítulos [deste livro] também têm em comum, quase por necessidade, um limite apologético.

Embora envolver-se com a apologética não seja a primeira das intenções dos autores, qualquer avaliação aprofundada de questões históricas relacionadas a um determinado evento requer o exame de outras teorias ou alegações históricas já existentes, e este livro não é exceção. Portanto, em seu esforço para apresentarem um relato mais preciso possível em termos históricos desses eventos na vida de Jesus, os autores às vezes também confirmam teorias atuais que reforçam suas descobertas e, em outras, expõem hipóteses ou alegações que não têm credibilidade histórica.

Embora não seja de todo pouco informativo para o estudioso do Novo Testamento, de Jesus ou do judaísmo tardio do segundo templo, este livro se destina a um público mais amplo de leitores – ao leigo interessado em aprender, ao clérigo, ao estudante de graduação ou pós-graduação, bem como àqueles que possuem especializações acadêmicas fora de uma dessas áreas. Esperamos

que ele seja lido na Academia e na Igreja e que suscite ideias, reflexões, aprendizado e uma vida de fé plena!

Projetos como este não são possíveis sem muito apoio e sem orientação. Então, em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer à liderança da Crichton College por apoiar minha visão do Symposium for Church and Academy [Simpósio para a Igreja e Academia]. Eu também gostaria de agradecer à Diocese Episcopal do Oeste do Tennessee, à Wilberforce Education Foundation [Fundação de Educação Wilberforce], à Trinity Baptist Church [Igreja Batista Trinity], Cordova, Tennessee, e à Crichton College pelo apoio financeiro que elas deram à série de palestras das quais Tom e Craig participaram.

Eu gostaria de agradecer ainda a Philip Law, nosso editor na Westminster John Knox Press, pela ajuda na área e pela orientação durante o processo do livro. Agradeço também ao meu aluno Nathan Brasfield, que ajudou a preparar os índices. Por fim, eu gostaria de expressar minha gratidão a N. T. Wright e Craig Evans não apenas por participarem desse projeto como palestrantes e autores, mas também por sua bondade, humildade e amizade. A fé que vocês têm em Jesus não precisa de palavras para ser vista e ouvida!

TROY A. MILLER
Páscoa de 2008
Memphis, Tennessee

ABREVIACÕES

1Mc: 1Macabeus

2Br: 2Baruque

2Mc: 2Macabeus

4Mc: 4Macabeus

Ant.: Jewish Antiquities [Antiguidades dos judeus (contra Apion)], de Josefo¹

Augusto: Life of Augustus [A vida de Augusto], de Suetônio

b. *Megillah*: Talmude babilônico, *Megillah*

b. *Qiddushin*: Talmude babilônico, *Qiddushin*

Calígula: Life of Caligula [A vida de Calígula], de Suetônio

CIL: Corpus Inscriptionum Latinarum

Hist. Alex.: History of Alexander [A história de Alexandre], de Cúrcio Rufo

Hist. Ecl.: Ecclesiastical History [História eclesiástica], de Eusébio²

In Flaccum: Against Flaccus [Contra Flaco], de Fílon

1. Publicado no Brasil pela Juruá. (N.T.)

2. Publicado no Brasil pela CPAD. (N.T.)

G. J.: *Jewish War* [Guerra dos judeus], de Josefo³

Jub: *Jubileus*

Lev. Rab.: *Levítico Rabbah*

m. *Pesahim*: *Mixná, Pesahim*

m. *Sanhedrin*: *Mixná, Sanhedrin*

Mek: *Mekilta*

Mor.: *Moralia* [Obras morais], de Plutarco

Hist. Nat.: *Natural History* [História Natural], de Plínio, o Velho

P. Florence: Papiros de Florença

P. Louvre: Papiros do Louvre

Pompeu: *Life of Pompey* [A vida de Pompeu], de Plutarco

Ps.-Manetão: Pseudo-Manetão

Ps.-Fílon, *Bib. Ant.*: Pseudo-Fílon, *Biblical Antiquities*
[Antiguidades bíblicas]

Ps.-Quintiliano: Pseudo-Quintiliano

Qoh. Rab.: *Qoheleth Rabbah*

Sifre Num.: Sifre, Números

t. *Menah*: Talmude, *Menahot*

T. Moisés: *Testamento de Moisés*

Verr.: *In Verrem* [Contra Verres], de Cícero

y. *Moe'ed Qatan*: Talmude de Jerusalém, *Moe'ed Qatan*

3. Publicado no Brasil pela Juruá. (N.T)



CAPÍTULO 1

O GRITO DA MORTE

Craig A. Evans

O MAIS ANTIGO credo formal, ou confissão de fé, da Igreja cristã é o Credo Apostólico, que provavelmente ganhou expressão no terceiro século. Esse credo bem conhecido diz:

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso,
Criador do céu e da terra,
E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor,
Que foi concebido pelo Espírito Santo,
Nasceu da virgem Maria,
Sofreu sob o poder de Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado;
desceu ao inferno;
ao terceiro dia ressuscitou dos mortos;
subiu ao céu
e está assentado à direita de Deus Pai, Todo-Poderoso,
De onde há de vir para julgar os vivo e os mortos.
Creio no Espírito Santo;
na santa Igreja universal;
na comunhão dos santos;
na remissão dos pecados;
na ressurreição do corpo
e na vida eterna. Amém.

A essência deste credo está na metade dele, onde é dito de Jesus: “Sofreu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao inferno; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos”. Essa parte do credo se baseia em – e resume – grande parte das declarações mais antigas da fé cristã; muitas [delas] são encontradas nos próprios escritos do Novo Testamento. Um exemplo disto, de meados do século primeiro, é um texto em uma carta do apóstolo Paulo. Ao falar do evangelho, Paulo afirma:

Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze. (1 Coríntios 15.3-5)

Este livro trata dos três elementos essenciais desse credo: a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus. Ninguém deveria se surpreender com o fato de que o elemento de que as pessoas duvidam e atacam com mais frequência é o terceiro: *a crença na ressurreição de Jesus*. Mas, nos últimos anos, também se tornou muito comum levantar objeções contra os dois primeiros, contra a realidade histórica da morte e do sepultamento de Jesus.

Os autores deste livro têm a firme convicção de que, por trás do credo, por trás das declarações de fé do movimento cristão, está a história. A morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus não são meras ideias teológicas, mas eventos reais; eventos reais que despertaram a fé e, mais tarde, suscitaram investigação teológica. Assim, neste primeiro capítulo, começamos com um exame mais profundo da morte de Jesus, um evento que, ironicamente, a princípio, fez qualquer coisa, menos despertar a fé.

A REALIDADE DA MORTE DE JESUS

Nenhum historiador sério, de qualquer vertente religiosa ou não religiosa, duvida de que Jesus de Nazaré de fato tenha vivido

no século primeiro [de nossa era] e tenha sido executado sob a autoridade de Pôncio Pilatos, governador romano da Judeia e de Samaria. Embora isso possa ser de conhecimento comum entre os estudiosos, é possível que o público em geral não esteja ciente disso.

As objeções, no entanto, ainda persistem. Na verdade, um livro recente reciclou a estranha noção de que Jesus não foi de fato executado, e sim fingiu a própria morte, com o auxílio do governador romano e de alguns outros, e depois fugiu para o Egito. Diz-se que a prova dessa afirmação é encontrada em duas cartas escritas em aramaico que supostamente foram encontradas sob uma casa em Jerusalém, há 40 anos. Alega-se que esses escritos foram preservados com cuidado por um colecionador cujo nome não pode ser revelado e que vive em uma cidade que não pode ser divulgada. Sem dúvida, nem o autor dessa ideia imaginativa nem o detentor dessas cartas podem ler aramaico ou possuem o *know-how* necessário para validar escritos antigos. Infelizmente, a falta de bom senso desse cenário escapa a muitos na leitura pública de hoje!

A morte de Jesus não é apenas afirmada (ou ao menos pressuposta) em todos os escritos do Novo Testamento e do cristianismo primitivo, mas também atestada por antigos escritores judeus e romanos.

Josefo, historiador judeu do século primeiro, apologista e sobrevivente da rebelião catastrófica contra Roma (66–70 d.C.), afirma que Jesus, tendo sido acusado pelos líderes judeus, foi condenado à cruz por Pilatos (*Ant.* 18.63-64).

Segundo o historiador romano Tácito, “Cristo [...] sofreu a pena de morte durante o reinado de Tibério, por sentença do procurador Pôncio Pilatos” (*Anais* 15.44, tradução livre). Embora Tácito cometa um pequeno deslize ao promover a posição de Pilatos (ele era *prefeito*, não *procurador*), seu resumo conciso está de acordo com o que encontramos no relato de Josefo e nos Evangelhos cristãos.

Luciano de Samósata, em uma referência sarcástica ao *Peregrino* e aos cristãos com quem esse homem se associou por um tempo, refere-se a Jesus como “o homem que foi crucificado na Palestina” (*Passing of Peregrinus* [A passagem do Peregrino] §11; cf. §13 “aquele sofista crucificado” [tradução livre]).

Por fim, o sírio Mara Bar-Serapião, em uma carta escrita ao seu filho talvez no final do século primeiro, faz referência à morte de Jesus, o “sábio rei” judeu.

A realidade da morte de Jesus também é confirmada no simples fato de ela não ter sido prevista por seus seguidores. Quando Jesus falou de seu iminente sofrimento e morte, Pedro, porta-voz dos discípulos, chamou seu Mestre de lado e o repreendeu (Mc 8.31-33), um sinal claro de que Pedro não esperava que isso acontecesse.

O que, então, os discípulos esperavam? Esperavam sentar-se à direita e à esquerda de Jesus, ou seja, formar [com ele] o novo governo de Israel (Mt 19.28; Mc 10.35-40; Lc 22.28-30). O reino (ou governo) de Deus havia despontado, e o governo de Satanás estava chegando ao fim (Mc 1.15; 3.11,22-27; Lc 10.17-19; 11.20). Como, então, o martírio do Escolhido de Deus se encaixava nessa situação?

A morte de Jesus de fato foi uma fonte de constrangimento para seus primeiros seguidores. É a esse constrangimento que Paulo se refere quando declara “não me envergonho do evangelho” (Rm 1.16). No pensamento do universo romano, filhos de Deus, heróis e salvadores não morreram em cruzes. Naquele tempo, não havia sentimentalismo algum ligado à morte de Jesus e, sem dúvida, tampouco à cruz, um símbolo horrendo na antiguidade romana. De que maneira isso poderia ser chamado de “boas novas” (o significado da palavra “evangelho”) é algo que estaria longe de ser claro para judeus e gentios de igual modo. Se Jesus não tivesse sido executado, se não tivesse sido crucificado, por que inventariam uma história tão absurda?

Não, a morte de Jesus não é ficção! Foi uma realidade histórica horrível. Tornou-se conhecida entre os não cristãos, e foi um evento desmoralizante para os seguidores de Jesus – pelo menos, no início – e um constante constrangimento enquanto a Igreja proclamava Jesus como Salvador e Filho de Deus por todo o império romano. Então, não há dúvida de que Jesus foi executado. Mas por quê?

AS RAZÕES PARA A MORTE DE JESUS

Muitas pessoas, incluindo cristãos, não sabem por que Jesus foi executado, por que ele se deparou com uma oposição fatal. Já ouvi pessoas dizerem que Jesus foi morto porque era um homem bom ou porque os fariseus hipócritas o temiam. No entanto, isso de fato é um absurdo. Os Evangelhos do Novo Testamento revelam vários fatores históricos, todos próximos do fim da vida de Jesus, que levaram à sua execução; sua bondade e suas contendas com os fariseus não estão entre eles.

A primeira razão por que Jesus despertou oposição foi por causa do modo como entrou em Jerusalém no início da última semana de seu ministério. Ele entrou na Cidade Santa montado em um jumento, em meio a gritos de “Hosana! [...] Bendito é o Reino vindouro de nosso pai Davi!” (Mc 11.1-10; aqui vs. 9-10 NRSV,¹ tradução livre do texto desta versão, adaptado pelo autor).

Entrar na cidade dessa forma era uma imitação deliberada de Salomão, filho de Davi, que mil anos antes montou a mula real como parte de sua declaração de realeza (1Rs 1.32-40). Tal entrada também respondeu à antiga profecia do esperado “rei [justo, vitorioso,] humilde” (Zc 9.9). Desse modo, o ato de Jesus não apenas evocou a esperança de um futuro rei, filho de Davi, mas a resposta da multidão refletiu a mesma interpretação popular disso.

1. Tradução livre do texto da New Revised Standart Version (NRSV), v. 10. (N.E.)

Os “hosanas”² exclamados pelo povo, como uma alusão ao Salmo 118, eram um pronunciamento de que aquele que ia em direção ao templo “em nome do Senhor” não era outro senão Davi, o que estava destinado a ser o rei e governante de Israel (veja Sl 118.19-27, de acordo com a paráfrase aramaica). Tal evento sugeria, em termos inconfundíveis, que o rei de Israel era Jesus, e não César. Assim, desde o momento da entrada em Jerusalém, Jesus foi colocado em rota de colisão com a autoridade romana.

A segunda razão por que Jesus despertou oposição foi por causa de suas ações nos recintos ou terreno do templo. Sua ação bem conhecida ali tumultuou o comércio e a circulação de sacrifícios e desafiou os chefes dos sacerdotes locais com palavras muito perturbadoras (Mc 11.15-18):

Não está escrito: “A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”?

Mas vocês fizeram dela um “covil de ladrões”. (Marcos 11.17)

A primeira parte dessas palavras é uma citação tirada de Isaías 56.7, que faz parte de um oráculo que fala de aguardar com expectativa o dia em que todos os povos, gentios e judeus de longe, chegarão a Jerusalém e serão bem-vindos. Todos os povos adorarão o Deus de Israel; seus dons serão recebidos, e suas orações, ouvidas.

Esse oráculo não era novidade alguma para os judeus daquela época. Ele reflete o propósito original do templo, conforme expressado na antiga oração de dedicação [do templo], de Salomão (1Rs 8.41-43). Mas a ação de Jesus e sua curiosa atitude de apelar para o oráculo de Isaías indicam que as autoridades [sacerdotais] do templo não conseguiram cumprir o chamado que haviam recebido [de Deus]. O templo não havia se tornado

2. “Hosana” significa “seja louvado!” (N.E.)

ainda um lugar de oração para as nações. Ao contrário, havia se tornado um “covil de ladrões” [Mc 11.17].

Na segunda parte de Mc 11.17, Jesus faz alusão às críticas cáusticas de Jeremias à instituição do templo em seus dias (Jr 7.11), alertando que Deus destruiria o templo. Assim, os chefes dos sacerdotes, mestres da lei e demais líderes religiosos ficaram profundamente ofendidos com as palavras críticas e ofensivas de Jesus.

O fato de que pregar sermões exasperados com base em Jeremias 7 poder causar problemas [a Jesus] é atestado por Josefo. Este autor fala de um Jesus ben Ananias, que, a partir de 62 depois de Cristo, começou a profetizar a destruição da cidade de Jerusalém e do famoso templo da cidade. Como Jesus de Nazaré, Jesus ben Ananias teria feito alusão a Jeremias 7, enquanto estava nos arredores do templo (Josefo, *G .J.* 6.300-305; cf. Jr 7.34).

Esse último Jesus foi afortunado. Ao contrário de Jesus de Nazaré, Jesus ben Ananias não foi executado (a despeito de os líderes religiosos pedirem que ele fosse morto); foi libertado. No entanto, sua sorte acabou sete anos depois, quando, durante um cerco, Jesus ben Ananias foi morto por uma pedra lançada sobre os muros, por uma catapulta.

A terceira razão por que Jesus despertou oposição foi o fato de ter contado a *parábola da vinha* (Mc 12.1-12). Ele citou essa parábola como uma resposta indireta à pergunta feita pelos chefes dos sacerdotes e por aqueles que os apoiavam, que exigiam saber com que autoridade Jesus fez o que fez nos recintos do templo (Mc 11.27-33).

Já era ruim o suficiente que Jesus tivesse baseado sua parábola na *parábola da vinha*, encontrada em Isaías, que alertava Israel sobre o julgamento iminente por não conseguir buscar a justiça (Is 5.1-7). Mas o que tornou a parábola de Jesus particularmente irritante para os chefes dos sacerdotes foi que a parábola de Isaías passou a ser entendida como algo dirigido sobretudo à instituição do

templo. Vemos essa perspectiva na paráfrase aramaica de Isaías 5, na interpretação rabínica posterior e em um manuscrito de Qumran (4Q500) que data do século primeiro antes de Cristo.

Era difícil não perceber o argumento de Jesus: por causa da rebelião dos chefes dos sacerdotes contra Deus, sobretudo como se vê na conspiração que planejaram para assassinar o próprio Filho de Deus, eles enfrentariam o julgamento [divino]. Essa ameaça, junto com a ameaça implícita anterior, em que Jesus apelou para Jeremias 7, levou os sacerdotes a pedirem a morte de Jesus.

A quarta razão por que Jesus despertou oposição foi ter sido ungido pela mulher anônima (Mc 14.3-9). Durante anos, os comentaristas relutaram em interpretar esse ato como sendo uma unção messiânica por parte da mulher, sugerindo, em vez disso, que era uma unção por conta do feriado de Páscoa, semelhante talvez ao visco³ de Natal, hoje.

É provável que essa relutância acadêmica se devesse à suposição equivocada de alguns de que Jesus não se considerava em termos messiânicos. Essa estranha noção foi seriamente desafiada nos últimos tempos, sobretudo por causa da descoberta de um manuscrito de Qumran (4Q521) que fala das obras de cura que ocorreriam quando o Messias aparecesse; obras que se assemelham muito à síntese de Jesus em sua resposta ao preso e desencorajado João Batista (Mt 11.2-6; Lc 7.18-23).

A partir dessa importante descoberta, os estudiosos estão agora mais propensos a afirmar o que os Evangelhos afirmam desde o início: que Jesus entendia ser o Messias de Israel. Como explicar a ubiquidade da identidade de Jesus como Messias, se ele nunca tivesse se considerado nesses termos, era uma pergunta

3. O visco é uma planta nativa das regiões temperadas da Europa e do Oeste da Ásia, muito usada nas festas natalinas como símbolo de algo que não morre, pois, mesmo sem raiz, permanece viva e verde durante os meses de inverno rigoroso, no hemisfério norte. (N.E.)

cuja importância, ao que parecia, não havia chamado de maneira clara o suficiente a atenção de tais estudiosos céticos.

O ponto importante nesse evento é que, logo depois de Jesus ter sido ungido pela mulher, Judas Iscariotes se apartou para trair seu mestre (Mc 14.10-11). O contraste entre o discípulo mencionado, que cometeu um ato de traição, e a mulher anônima, que cometeu um ato de devoção, é comentado com frequência.

É uma obra de arte literária, sem dúvida. Mas, às vezes, esquecemos que as ações daquela mulher muito provavelmente foram relatadas aos chefes dos sacerdotes, com os quais Judas fez sua barganha. Judas não apenas receberia seu pagamento, ao levar os oficiais e os capangas dos chefes dos sacerdotes ao local de oração particular de Jesus, como também lhes ofereceria testemunho do que Jesus ensinava e de como os seguidores dele o consideravam. Logo, a unção de Jesus pela mulher era muito importante para ser ignorada. Ela deu [aos líderes religiosos judeus] mais uma razão para acabar com Jesus.

Por fim, as autoridades judaicas tentaram matar Jesus não porque ele era um homem bom, mas porque era visto como uma ameaça política muito séria.

A mensagem de Jesus acerca do governo de Deus ameaçava o *status quo* dos chefes dos sacerdotes, algo que não queriam alterado. Jesus entrou em Jerusalém como o filho ungido de Davi, assumiu a autoridade nos recintos do templo como se tivesse autoridade messiânica, apelou ao objetivo do templo de uma maneira que lembrava a dedicação do templo por Salomão e de um modo que dava a entender que ele era o rei e foi, de fato, ungido por pelo menos uma seguidora, uma unção que, com toda probabilidade, era interpretada como tendo significado messiânico. Não é de surpreender que um sumo sacerdote furioso tenha perguntado diretamente a Jesus: “Você é o Messias, o Filho de Deus?”, e que o governador romano tenha colocado perto da cruz uma placa que dizia: “Este é Jesus, rei dos judeus”.